



Universidade Federal  
de Campina Grande

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**VITÓRIA RÉGIA CALDAS DA SILVA**

**JUVENILIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS: CAUSAS E EFEITOS**

**CAJAZEIRAS- PB**

**2024**

Vitória Régia Caldas da Silva

**JUVENILIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS: CAUSAS E EFEITOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras, como requisito obrigatório para a obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes

Cajazeiras – PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

S586j Silva, Vitória Régia Caldas da.  
Juvenilização dos estudantes da educação de jovens e adultos: causas e efeitos / Vitória Régia Caldas da Silva. – Cajazeiras, 2024.  
44f. : il. Color.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2024.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Juvenilização - Alunos do EJA. 3. Dificuldades. I. Fernandes, Dorgival Gonçalves. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 374.7

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

**Vitória Régia Caldas da Silva**

**JUVENILIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS: CAUSAS E EFEITOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras, como requisito obrigatório para a obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 18/07/2024

**BANCA EXAMINADORA**

*Dorgival Gonçalves Fernandes*

---

Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes  
(Orientador- UAE/CFP/UFCG)

---

Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva  
(Examinador 1-- UAE/CFP/UFCG)

*Edinaura Almeida de Araújo*

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Edinaura Almeida de Araújo  
(Examinador 2- UAE/CFP/UFCG)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Suzi Alves Montiel  
(Suplente- UAE/CFP/UFCG)

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que incansavelmente não desistiram de me encorajar durante essa jornada acadêmica. Primeiramente aos meus pais Antônio e Zuleide que desde a mais tenra idade acreditaram na minha capacidade; aos meus irmãos Vanessa, Junior, Leandro e João Vitor que sempre estiveram ao meu lado; a minha avó paterna Petronilia (*in memoriam*) e minha avó materna Atermizia (*in memoriam*) que estariam orgulhosas de sua neta e, por fim, ao meu filho Nicolás, este que foi a minha força e alicerce durante esses anos.

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, preciso destacar aqui a importância de acreditar em si mesmo e de entender que temos um Deus que nos ampara em todas as situações. A trajetória percorrida até aqui não foi nada fácil, mas tenho a plena certeza que este momento de minha vida é apenas a ponta do iceberg de minha caminhada acadêmica.

Soma-se a essa vitória, o incentivo recebido por parte da minha família, especialmente dos meus pais, que nunca descreditaram da minha capacidade escolar e acadêmica. Mesmo diante das necessidades, nossa família sempre prezou pelo estudo como fonte de transformação da realidade e acredito que esse tem sido o combustível que me trouxe até aqui. Com base nas poucas oportunidades de vida que, hoje, sinto tamanha alegria em saber que sou a primeira filha formada da família.

Ao meu orientador, toda gratidão do mundo, pois sem a sua orientação, atenção e paciência eu não teria conseguido sozinha. Parte desse sucesso, também é seu, professor! Obrigada por acreditar em mim mesmo quando eu não conseguia enxergar uma faísca sequer de sucesso. Levarei suas palavras e contribuições sempre comigo.

Agradeço imensamente a minha amiga Hellen que nunca deixou que eu perdesse a coragem de chegar até aqui.

Ao meu filho, por ser meu alicerce e me proporcionar força durante todos esses anos. Nicolás, um dia você vai compreender que tudo tem sido uma tentativa de te proporcionar as melhores coisas e situações que estiverem ao meu alcance.

E por fim, sou grata pela coragem que encontrei em mim mesma, pela força que busquei durante esses anos de graduação e pela resiliência que me amparou mediante as dificuldades pessoais que interferem nesse processo.

“Me movo como educador, porque,  
primeiro, me movo como gente”.

Paulo Freire

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o processo de juvenilização dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos- EJA e como objetivos específicos: Identificar os motivos que tem levado jovens a procurarem A eja; apontar os fatores que provocam o fracasso escolar de adolescentes e jovens no Ensino Fundamental Regular e descrever como a EJA tem se organizado para lidar com o processo de juvenilização dos seus estudantes. A questão problema desta pesquisa é: Quais são os fatores que contribuem para o processo de juvenilização dos alunos que atualmente fazem parte da modalidade de ensino EJA? A metodologia utilizada teve como característica a abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da pesquisa de campo. Os dados da pesquisa foram coletados com três alunos do ensino fundamental por meio de entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro contou com nove questões. No referencial teórico discutimos sobre o processo de juvenilização desses alunos, bem como a trajetória da EJA no Brasil a partir de autores como Freire (1997), Haddad e Di Pierro (2000), Freire (2009), Schwartz (2012), Costa (2016), Santos (2017), Ferreira (s.d), Oliveira et al. (2020). Os resultados obtidos na análise evidenciam que o processo de juvenilização da EJA se dá por meio de problemas sociais, econômicos e educacionais que afetam, de forma direta, o desenvolvimento escolar desses jovens. Problemas como gravidez na adolescência, vulnerabilidade social e a descontinuidade dos estudos foram apontados como os principais propulsores da evasão desses jovens do ensino fundamental para EJA.

**Palavras- chave:** EJA. Estudantes. Juvenilização. Dificuldades.



## ABSTRACT

The general objective of this research is to analyze the process of juvenilization of students in Youth and Adult Education (EJA) and the specific objectives are to Identify the reasons that have led young people to seek it out; to point out the factors that cause adolescents and young people to fail at school in Regular Primary Education and to describe how EJA has organized itself to deal with the process of juvenilization of its students. The problem question of this research is: What are the factors that contribute to the process of juvenilization of students who are currently part of the EJA teaching modality? The methodology used was qualitative, based on field research. The research data was collected from three elementary school students by means of semi-structured interviews with nine questions. In the theoretical framework, we discussed the process of juvenilization of these students as well as the trajectory of the EJA in Brazil based on authors such as Freire (1997), Haddad and Di Pierro (2000), Freire (2009), Schwartz (2012), Costa (2016), Santos (2017), Ferreira (s.d), Oliveira et al. (2020). The results obtained in the analysis show that the process of juvenilization of the EJA takes place through social, economic and educational problems that directly affect the school development of these young people. Problems such as teenage pregnancy, social vulnerability and discontinuation of studies were identified as the main reasons for these young people dropping out of elementary school for the EJA.

**Key words:** EJA. Students. Juvenilization. Difficulties

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1-** Hipóteses Docentes sobre o fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental.....

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
DCNS	Diretrizes Curriculares Nacionais
SEA	Serviço de Educação de Adultos
CEAA	Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
MCP	Movimento de Cultura Popular
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
2.1 A CONSTITUIÇÃO DA EJA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	16
2.2 O PERFIL DO ALUNO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	21
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>25</b>
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS ....	25
3.2 LÓCUS DA PESQUISA.....	27
3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	27
<b>4 O PROCESSO DE JUVENILIZAÇÃO DO ALUNO JOVEM NA EJA: ADVERSIDADES E MOTIVAÇÕES ENCONTRADAS .....</b>	<b>29</b>
4.1 A REINSERÇÃO DE JOVENS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS .....	29
4.2 MOTIVAÇÕES E DIFICULDADES ENCONTRADAS PELO ALUNO JOVEM NA EJA. ....	32
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde criança, sonhava em ser professora. Dizia que queria ensinar às criancinhas; era uma das alunas mais esforçadas da minha sala, aluna da zona rural, turma multisseriada, escola com poucos recursos. Minha família nunca teve muitas condições, sempre vivíamos com o básico. Com o passar dos anos, nossos pensamentos modificam-se à medida em que descobrimos o mundo. Descobri que queria ser pediatra, para curar crianças. Em seguida, mais precisamente no ensino médio, decidi que seria psicóloga; de longe é possível perceber que sempre fui uma menina de muitos sonhos!

No ano de 2016, estava concluindo o terceiro ano, quando realizei meu primeiro Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), e com uma nota razoavelmente boa, consegui vagas para três cursos diferentes, sendo eles: Pedagogia, História e Serviço Social. Dentre essas opções, optei pelo curso de Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. Não era a minha opção de curso, mas mesmo assim, ingressei no Centro de Formação de Professores (CFP).

Ao entrar na universidade, nos deparamos com um universo de pessoas de visões diferentes e isso me deixou encantada. Com o passar dos semestres, fui me apaixonando pela Pedagogia e pelo sentimento que ela despertava em meu interior. Na grade curricular do curso de Pedagogia do CFP, temos ofertadas várias disciplinas, como por exemplo: Estágio na Educação Infantil e Estágio no Ensino Fundamental 1. Ao analisar essas ofertas, percebi que não nos era oferecido um estágio na Educação de Jovens e Adultos. As disciplinas referentes à modalidade de ensino EJA que compõem o currículo do curso de Pedagogia – CFP não são ministradas, segundo a coordenação do curso, pelos seguintes motivos: 1 - a ausência de alunos interessados em cursar as disciplinas da EJA; 2 - ausência de professores para ministrar as disciplinas, o que já evidencia um pouco o descaso com a forma que essa modalidade de ensino é tratada. Esse descaso tem sido um dos meus maiores questionamentos em relação à falta que senti enquanto aluna e futura docente.

O ano de 2021 marcou o início da minha jornada como professora. No auge da pandemia, fui contratada para dar aula nas turmas de EJA- Fundamental 1 do município de Bom Jesus – PB. As aulas aconteciam de forma remota, via Google

meet. Era tudo muito inédito. Os alunos não possuíam tanta habilidade com a plataforma e aos poucos foram se adaptando.

Ao iniciar as aulas me deparei com alguns fatores que, de certo modo, mudaram minha forma de entender a EJA. Era um misto de sujeitos adolescentes, jovens, adultos e idosos. Perguntei-me várias vezes o motivo desses adolescentes terem sido evadidos do Ensino Fundamental regular.

Através dessa experiência, decidi que a Educação de Jovens e Adultos seria minha área de pesquisa, visto que foi a partir dessa vivência que comecei a levantar questões históricas e sociais, sentindo assim a necessidade de compreendê-las.

Desse modo, a pesquisa aqui apresentada é intitulada de “Caracterizações do jovem estudante da Educação de Jovens e Adultos – EJA”. Tem como objetivo geral: Analisar o processo de juvenilização dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos- EJA, e como objetivos específicos: 1- Identificar os motivos que tem levado jovens a procurarem a EJA; 2- Apontar os fatores que provocam o fracasso escolar de adolescentes e jovens no Ensino Fundamental Regular e 3- Descrever como a EJA tem se organizado para lidar com o processo de juvenilização dos seus estudantes.

De acordo com o Luft (2000) a palavra caracterização significa uma ação ou efeito de caracterizar, de destacar as características e particularidades de algo ou de alguém, desse modo, as características dos sujeitos da pesquisa serão evidenciadas,

É importante compreender que a palavra Juvenilização é derivada da palavra Juvenil, e que em seu significado quer dizer que é toda e qualquer ação destinada a jovens ou adolescentes.

Levando em consideração a importância desse estudo, ao elaborarmos a sua metodologia, optamos por uma abordagem qualitativa de pesquisa com enfoque na entrevista semiestruturada. Esses elementos serão apresentados com maior profundidade na seção II.

Em se tratando de estruturação textual, a pesquisa divide-se em introdução, três seções e considerações finais. Na primeira seção apresentamos o referencial teórico, que serviu como suporte para este estudo; a segunda seção aborda todo o percurso metodológico da pesquisa, desde a abordagem utilizada até o lócus onde foi desenvolvida e a terceira é constituída pela análise dos dados coletados mediante às entrevistas realizadas para o estudo.

Como mencionado anteriormente, ao ser contratada como professora de uma turma do primeiro segmento (1º ao 5ºano) da EJA, foi possível perceber que o alunado, nos dias atuais, não é mais o mesmo que a frequentava no início da década de 40, na qual o seu público era formado, na maioria das vezes, apenas por adultos e idosos. Atualmente vemos salas de aula com pouca lotação e alunos jovens demais para fazerem parte dessa modalidade. Dentre os jovens, a idade mínima na sala em que fui professora era de 15 anos; estes, pela faixa etária, deveriam estar cursando o ensino médio, porém estavam concluindo os anos iniciais do ensino fundamental.

Levando em consideração o fato de que alunos que deveriam estar no ensino fundamental passam a frequentar e fazer parte das salas de aulas da EJA, é preciso evidenciar a questão problema da nossa pesquisa, sendo essa: Quais são os fatores que contribuem para o processo de juvenilização dos alunos que atualmente fazem parte da modalidade de ensino EJA abandonando assim, conseqüentemente, a educação básica? Para que esse questionamento seja compreendido é preciso problematizar a juvenilização da EJA, compreendendo assim os fatores que contribuem para que essa modalidade se torne um ancoradouro de jovens que, de certa forma, são “escanteados” do ensino fundamental e acabam chegando na EJA, buscando solucionar o seu problema de escolarização.

De acordo com Di Pierro (2021), em sua entrevista sobre a presença dos jovens na EJA, há pouco menos de três décadas, as salas de EJA eram hegemonicamente constituídas de adultos e idosos que buscavam essa modalidade objetivando, sobretudo, a concretização da alfabetização. No entanto, ao decorrer das décadas é notório a incorporação de um novo perfil de estudantes nessa modalidade, tendo assim, um destaque maior, a juvenilização desse público.

Ao analisar a pesquisa Escolarização de Jovens e Adultos, de Sérgio Haddad e Maria Clara Di Pierro (2000), é importante destacar que no ano de 1998 um terço dos alunos matriculados na educação de jovens e adultos tinha menos que 18 anos de idade; dados como esses evidenciam que a EJA já possuía essa configuração de um mecanismo de aceleração de estudos. Não é um fato especificamente novo.

Trazendo a discussão para a contemporaneidade, é importante frisar que atualmente a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Lei Federal 9394/96), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNS)

para a EJA (Resolução CNE/CEB 01/2000) e o Parecer CNE/CEB 11/2000 demarcam que essa modalidade de ensino precisa ser compreendida como um direito de todos.

Vale ressaltar que pesquisar sobre a juvenilização da EJA é algo que vai muito além de palavras bonitas, pois mais do que empatia e incentivo, é preciso formação e comprometimento por parte dos docentes, mas principalmente, no caso dos gestores, a construção de políticas públicas responsáveis por essa modalidade de educação.

Como suporte teórico para a construção da pesquisa adotamos as ideias de autores, tais como: Haddad e Di Pierro (2000), Freire (2009), Schwartz (2012), Costa (2016), Santos (2017), Ferreira (s.d), Oliveira et al. (2020), entre outros, pois as suas ideias em relação ao tema aqui exposto são de grande relevância para um melhor entendimento das questões a serem colocadas.

Desse modo, a pesquisa tem como foco compreender as causas que levam os jovens e adultos a fazerem parte dessa modalidade de ensino. É importante frisar que a EJA não se destina apenas aos que acessaram à escola e não tiveram êxito, mas sim, a todos que não lograram se escolarizar na chamada “idade certa”.



## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Na primeira seção dessa pesquisa, traremos uma breve discussão sobre a história da educação brasileira na Educação de Jovens e Adultos. No decorrer da seção apresentamos alguns tópicos que evidenciam a direção da nossa pesquisa desde a escolha da temática a ser abordada até a coleta e análise dos dados.

Para amparar nosso referencial teórico, utilizamos as contribuições de autores que possuem propriedade para tratar dessa temática, sendo eles: Freire, Di Pierro, Haddad e entre tantos outros que contribuem de forma significativa para esta pesquisa.

Falamos também acerca dos motivos que têm levado tantos jovens a buscarem a EJA, apontando assim, conseqüentemente, os fatores que provocam seu fracasso escolar no ensino fundamental regular. É importante destacar também, a necessidade de como essa modalidade tem se reorganizado para atender ao processo de juvenilização de seus estudantes.

### **2.1 A CONSTITUIÇÃO DA EJA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

A educação brasileira começou a ser moldada no ano de 1549 com a chegada dos europeus em terras brasileiras, mais especificamente, com a chegada da Companhia de Jesus. Fundada por Inácio de Loyola, na época era conduzida pelo padre Manuel da Nóbrega.

Como os europeus foram os primeiros povos de outro continente a terem contato com os indígenas, sua cultura foi implantada no Brasil, e com isso, surgem os primeiros modelos de ensino e alfabetização. De acordo com Santos (2014, p.05 apud Almeida, s.d, p.03). O modelo implantado pelos jesuítas combinava a catequese e o ensinar a “ler e a escrever”, a alfabetização, sendo que a catequese tinha como público alvo os indígenas, e a alfabetização era privilégio para os filhos da elite da época. Nesse sentido, apenas as famílias de maior poder aquisitivo é que detinham o direito ao estudo.

No ano de 1759 finda-se o reinado dos jesuítas, pois é neste ano em que são expulsos do Brasil e inicia-se uma reforma educacional. Liderada pelo Marquês de Pombal e conhecida como Reforma Pombalina, essa reforma visava trazer um

ensino diferente do ensino jesuítico. Mesmo sendo um novo direcionamento para o ensino brasileiro, tal mudança ainda não era direcionada a jovens e adultos da classe pobre.

Com o estabelecimento do Brasil República, surgem os avanços na educação brasileira, contudo, Haddad e Di Pierro (200, p. 110) trazem o seguinte dado, que “o censo de 1920, realizado 30 anos após o estabelecimento da República no país, indicou que 72% da população acima de cinco anos permanecia analfabeta”, o que nos leva a pensar que, mesmo após a conquista da república, o Brasil enquanto um país que buscava igualdade, deixava lacunas no desenvolvimento pleno do ser enquanto sujeito social.

Levando em consideração todas as reformas educacionais que modificaram a educação brasileira, foi somente duas décadas após o censo de 1920 que a educação de jovens e adultos passou a ser compreendida como um problema em âmbito nacional. Haddad e Di Pierro (2000, p.110) afirmam que:

Foi somente ao final da década de 1940 que a educação de adultos veio a se firmar como um problema de política nacional, mas as condições para que isso viesse a ocorrer foram sendo instaladas já no período anterior. O Plano Nacional de Educação de responsabilidade da União, previsto pela Constituição de 1934, deveria incluir entre suas normas o ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória. Esse ensino deveria ser extensivo aos adultos. Pela primeira vez a educação de jovens e adultos era reconhecida e recebia um tratamento particular.

Nesse sentido, compreende-se que a problemática do analfabetismo de jovens e adultos levou um tempo para ser enfatizado, pois até então não era um problema para a política nacional e é a partir desse momento que a trajetória de jovens e adultos analfabetos começa a ser transformada, passando a haver um olhar pedagógico destinado a eles, assim como também a criação ou implementação de programas específicos que surgem com o avanço da industrialização. Para Osmar Fávero (2009, p. 09):

O analfabetismo no Brasil é tema de discussão desde a Colônia e o Império. Mas é no início do século XX, principalmente após 1940, que passa a ser visto como um problema nacional. Pelo Censo de 1940, foram mostrados os altos índices do analfabetismo: cerca de 55% para todo o país, considerando a população de 18 anos e mais; nos estados do Sul e Sudeste, em torno de 40%; no Norte e Nordeste, 72% [...]

De acordo com o artigo 37, seção V da Lei de Diretrizes e Bases Nacional -

LDB (Brasil, 1996) “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudo no ensino fundamental e médio na idade própria”. Sobre a finalidade de abrandar o índice de analfabetismo no país, citamos mais uma vez Haddad e Di Pierro (2000, p.110) quando dizem que “o censo de 1920, realizado 30 anos após o estabelecimento da República no país, indicou que 72% da população acima de cinco anos permanecia analfabeta”. Isto é, três décadas depois de ser denominado como República, as políticas públicas educacionais deixavam a desejar, refletindo e contribuindo para que assim mais de 70% da população brasileira permanecesse analfabeta.

No ano de 1947 foi instalado no Brasil um programa chamado Serviço de Educação de Adultos (SEA). Esse serviço preocupava-se com a educação dos adultos, estabelecendo assim a criação de um curso primário, contendo professores capacitados para tal função. Nesse sentido, Haddad e Di Pierro (2000, p. 111) afirmam:

O movimento em favor da educação de adultos, que nasceu em 1947 com a coordenação do Serviço de Educação de Adultos e se estendeu até fins da década de 1950, denominou-se Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA. Sua influência foi significativa, principalmente por criar uma infra-estrutura nos estados e municípios para atender à educação de jovens e adultos, posteriormente preservada pelas administrações locais

Foi a partir dessa conjuntura social que os trabalhos educativos com adultos ganharam espaço no país, trabalhos estes que favoreciam o avanço político com o apoio das camadas populares, bem como criava essa ponte de acesso aos municípios que facilitava a sua administração e eficácia.

Em relação às sugestões educativas da CEAA, Fávero (2009, p. 10) afirma:

Sua proposta visava uma ação educativa ampla, compreendendo a aprendizagem da leitura e da escrita, as operações elementares do cálculo, as noções básicas de cidadania, higiene e saúde, geografia e história pátria, puericultura e economia doméstica para as mulheres.

Nesse sentido, é possível perceber que com o avanço da sociedade, as necessidades também se modificaram, necessitando a educação, assim, de uma maior atenção.

No ano de 1962 em meio a ditadura militar, a prefeitura de Recife juntamente com um grupo de pessoas criou o (MCP), movimento esse que tinha o objetivo de

educar as camadas mais pobres e necessitadas da cidade, oferecendo-lhes o acesso à cultura popular. Para Fávero (2009, p.15):

Nasce no MCP e logo é sistematizado no Serviço de Extensão Cultural da então Universidade do Recife, o Sistema Paulo Freire de Alfabetização de Adultos. A partir da crítica do modo de trabalhar da escola tradicional, questionando, recusando as cartilhas como doação, transformando a aula num debate e o professor em um animador, Paulo Freire e sua equipe colocam, decisivamente, a alfabetização como primeiro passo de ampla educação de adultos.

Logo após a criação do (MCP), em 15 de dezembro de 1967 foi institucionalizado o projeto (MOBRAL), que tinha o objetivo de intensificar a alfabetização de jovens e adultos com enfoque nas técnicas de leitura e cálculo. Dentre os principais objetivos do (MOBRAL) destacam-se o desenvolver a capacidade de ler e escrever, bem como lidar com problemas relacionados a sua comunidade de origem. É importante ressaltar que o projeto supracitado, além de proporcionar a alfabetização e certificação dos brasileiros, tentou ainda implantar o Programa de Educação Integrada, este que era voltado para as séries iniciais do ensino fundamental.

Em conformidade com as metas que deveriam ter sido alcançadas, o projeto mencionado tentou ainda implementar o Mobral Infante- Juvenil, voltado ao público de crianças e adolescentes na idade de até 15 anos. Contudo, não se pode falar de MOBRAL sem mencionar as críticas que o mesmo sofreu em relação ao seu método de ensino. Em concordância com as críticas sofridas na época, Haddad e Di Pierro (2000, p. 116) afirmam:

O MOBRAL foi criticado pelo pouco tempo destinado à alfabetização e pelos critérios empregados na verificação de aprendizagem. Mencionava-se que, para evitar a regressão, seria necessária uma continuidade dos estudos em educação escolar integrada, e não em programas voltados a outros tipos de interesses como, por exemplo, formação rápida de recursos humanos. Criticava-se também o paralelismo da gestão e do financiamento do MOBRAL em relação ao Departamento de Ensino Supletivo e ao orçamento do MEC. Punha-se em dúvida ainda a confiabilidade dos indicadores produzidos pelo MOBRAL.

Diante de tantas falhas, anos mais tarde, o (MOBRAL) precisou passar por algumas modificações na intenção de que pudesse resistir por mais tempo e cumprir com a meta de erradicar o analfabetismo no país.

Na década de 1970 é instituído no Brasil o Ensino Supletivo que visava recuperar o tempo perdido, contribuindo assim para o avanço da qualificação da mão-de-obra no país. Em sua totalidade, o Supletivo foi pensado com base em quatro funções diferentes, e em conformidade com Haddad e Di Pierro (2000, p. 117), são elas:

Para cumprir esses objetivos de repor a escolarização regular, formar mão-de-obra e atualizar conhecimentos, o Ensino Supletivo foi organizado em quatro funções: Suplência, Suprimento, Aprendizagem e qualificação. A Suplência tinha como objetivo: “suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria” através de cursos e exames (Lei 5.692, artigo 22, a). O Suprimento tinha por finalidade “proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte” (Lei 5.692, artigo 24, b). A Aprendizagem correspondia à formação metódica no trabalho, e ficou a cargo basicamente do SENAI e do SENAC. A Qualificação foi a função encarregada da profissionalização que, sem ocupar-se com a educação geral, atenderia ao objetivo prioritário de formação de recursos humanos para o trabalho.

Frente a tantos projetos já criados e tantos programas sem êxito deparamo-nos mais uma vez com o insucesso dos métodos pensados para a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

Até então, não era perceptível uma linha de pensamento pedagógico destinada ao analfabetismo desses jovens. Haddad e Di Pierro (2000, p. 109) nos dizem que “o pouco que foi realizado deveu-se aos esforços de algumas Províncias, tanto no ensino de jovens e adultos como na educação das crianças e adolescentes”. Com base nesse fato, entendemos que a educação nem sempre foi uma pauta tratada com a devida importância e necessidade.

Ainda sobre a trajetória da EJA no Brasil é importante destacar que conforme o Parecer CNE/CEB 11/2000 (Brasil, 2000, p.66)

No Brasil, país que ainda se ressentia de uma formação escravocrata e hierárquica, a EJA foi vista como uma compensação e não como um direito. Esta tradição foi alterada em nossos códigos legais, na medida em que a EJA, tornando-se direito, desloca a idéia de compensação substituindo-a pelas de reparação e equidade. Mas ainda resta muito caminho pela frente a fim de que a EJA se efetive como uma educação permanente a serviço do pleno desenvolvimento do educando.

Em concordância, Haddad e Di Pierro (2000, p.127) dizem:

Observa-se, assim, que o ensino fundamental de jovens e adultos perde terreno como atendimento educacional público de caráter universal, e passa a ser compreendido como política compensatória coadjuvante no combate às situações de extrema pobreza, cuja amplitude pode estar condicionada às oscilações dos recursos doados pela sociedade civil, sem que uma política articulada possa atender de modo planejado ao grande desafio de superar o analfabetismo e elevar a escolaridade da maioria da população.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender que mediante o processo histórico e social que acompanha a EJA no Brasil, desde o seu surgimento, esta não pode ser vista como uma compensação por algo perdido, mas sim, como um direito negado ou negligenciado pela sociedade e suas falhas socioeconômicas.

## **2.2 O perfil do aluno da Educação de Jovens e Adultos**

Em se tratando de escolarização de jovens na EJA, muitos são os questionamentos que surgem em relação ao perfil desses jovens, que por muitas vezes são esquecidos e escanteados pela sociedade e suas políticas públicas rodeadas de insucesso. É importante ressaltar que o conceito de juvenilização na EJA vem sendo abordado em pesquisas científicas desde a década de 1990, pois como afirmam Costa e Evangelista (2017, p. 60):

Sabe-se ainda que, a partir da década de 1990, pesquisas têm identificado e abordado a característica denominada “juvenilização”, ou seja, um crescente número de jovens presentes nas salas de aula desta modalidade educativa. Dessa forma, este cenário, nas últimas décadas, se alterou significativamente – fato que demanda compreender, por exemplo: quem são tais jovens? Como e quais são as distintas culturas produzidas por eles? Quais manifestações fazem delas? Tais questões, além de potencializar o conhecimento sobre estes sujeitos, podem denotar pistas, indicações importantes para a construção de boas práticas/ações educativas, que possam promover processo de ensino e de aprendizagem, além de potencializar a construção de políticas públicas destinadas à tais trabalhadores estudantes.

É importante levar em consideração que esses sujeitos possuem sua própria visão de mundo, diferentemente das crianças, que se constroem ao longo da jornada escolar. Considerando que esses sujeitos carregam consigo experiências e visões de mundo, é necessário entender como se dá a retomada do processo de ensino-aprendizagem com esse público. Ferreira (s.d, p,03) faz a seguinte afirmação:

Os alunos e alunas da EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivencia

social, familiar e profissional. Pode-se dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata as coisas que vê.

Com base na assertiva acima, entende-se que a forma como o docente vai tratar o adulto em sala de aula não se iguala ao tratamento que é dado a uma criança, pois já não mais haverá aquela infantilidade na sala de aula e na metodologia aplicada. Os adultos que farão parte dessa educação já têm a sua visão de mundo construída.

Os jovens e adultos que integram a EJA possuem discernimento e autonomia para diferenciar aquilo que é bom e positivo, daquilo que não é. Por esse motivo, acredita-se que trabalhar com jovens e adultos é mais complexo, afinal, são mundos diversos já existentes. Assim, a missão dada ao professor é de que, ele deverá ter um olhar mais sensível e mais flexível para esse público. E como deve ser a formação desse educador? Para Oliveira et al. (2020, p.04):

A formação de professores desse segmento deve ser continuada, pois necessitam estar preparados para lidar com pessoas que acham que é incapaz por ter uma idade avançada. Um bom trabalho desenvolvido pelo docente muda significativamente a vida desses jovens e adultos, portanto traz a oportunidade para conviver numa sociedade democrática com direitos e deveres iguais para todos.

Assim, é importante que o docente dessa modalidade de ensino tenha consciência sobre quem são os alunos que vai encontrar em sala de aula, assim como também das atribuições que deve ter em seu currículo para atuar nesse segmento.

Partindo do pressuposto das exigências, competências e habilidades que o docente deve ter em sala de aula para que haja esse bom funcionamento, Prioste (2011) faz uma breve reflexão sobre os fatores que contribuem para o fracasso do professor em sala de aula. A autora diz que a desorganização, baixa remuneração, autoritarismo, entre outros aspectos, são os principais fatores que contribuem para esse fracasso na formação e atuação do docente.

Os sujeitos que estão ali não podem sentir-se pressionados pelos professores, muito menos pelo corpo pedagógico da escola, afinal, já tem toda a bagagem de um dia cansativo, bem como, na maioria das vezes, o sentimento de fracasso. É por esse e tantos outros motivos que o professor deve estar preparado para a recepção e o primeiro contato com os estudantes, até porque, naquele recinto escolar, dentro

daquela sala, irão surgir alunos de todas as idades, desde 15 até mais de 60 anos, e histórias diversas.

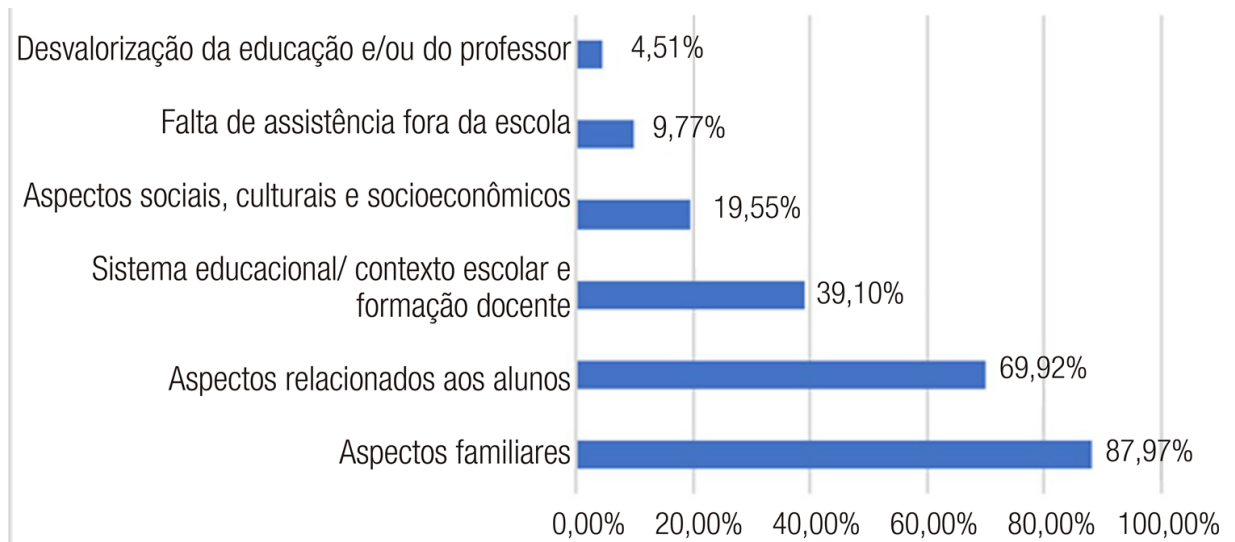
Levando em consideração a diversidade humana a ser encontrada na sala de aula, qual seria então a linguagem a ser utilizada com esses alunos? Será que os recursos tecnológicos que o educador vai utilizar serão acessíveis para aqueles alunos mais velhos? São muitas questões a serem respondidas e que requerem um tempo de pesquisa muito grande. Como funciona a junção da teoria com a prática quando se trata de transformar sujeitos em seres críticos? Ferreira (s.d, p,04) faz mais uma colocação importante, quando diz:

O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo-se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra.

É exatamente na prática que o sujeito passa a compreender o seu lugar de fala na sociedade, percebendo assim que possui importância e que é essencial no contexto em que se insere. Para que esse sentimento floresça dentro de cada sujeito, é importante que haja muito diálogo envolvendo a comunidade, a escola e o aluno, pois só assim será possível trabalhar de forma simbólica e efetiva com esses jovens e adultos.

Em uma pesquisa realizada com professores do Ensino Fundamental 1 em escolas públicas de Araraquara, Prioste (s.d) apresentou os dados coletados que favorecem o insucesso escolar desses alunos. Para alcançar os dados dessa pesquisa, a autora realizou um questionário e através deste foram evidenciadas as maiores causas dessa frustração, sendo elas:



**Figura 1-** Hipóteses Docentes sobre o fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Fonte: Claudia Prioste

Nas causas apontadas, em primeiro lugar temos os aspectos familiares como maior propulsor da frustração desses jovens em sala de aula, seguido de aspectos relacionados aos alunos. Entende-se que dentro dessa margem existem também as necessidades especiais dos alunos envolvidos. Ocupando a última posição, temos a desvalorização da educação e do professor, o que implica dizer que naquele local esse aspecto não influenciou significativamente para esse insucesso, o que faz com que possamos refletir sobre as reais causas que afetam o aprendizado do aluno.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

Levando em consideração o caráter subjetivo do objeto do estudo aqui elaborado - analisar o processo de juvenilização dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), inicialmente realizamos diversas leituras que nos permitiram um aprofundamento maior no entendimento sobre a temática abordada.

Para fundamentarmos-nos nessa temática, partimos de premissas teóricas e utilizamos teorias que foram abordadas por diversos autores, tais como: Di Pierro, Haddad, Freire, como também documentos brasileiros que amparam e normatizam a EJA, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e os (PCNS).

Refletindo sobre a teoria do conhecimento, Barros (1990) afirma que o conhecimento pode ser entendido como uma ação de reflexão crítica, isto é, o homem toma consciência do mundo em que vive, obtendo assim atitudes crítico-práticas. Seguindo essa linha de raciocínio é possível entender que o conhecimento, realmente, é construído aos poucos de acordo com as vivências do homem enquanto sujeito social, como também é uma ação que, de certo modo, transforma realidades. Dessa maneira, à medida que o conhecimento é teórico-prático também é prático-teórico.

#### **3.1 Abordagem da Pesquisa e Instrumento de Coleta de Dados**

Este estudo foi realizado com base na abordagem qualitativa de pesquisa. Para compreender o porquê dessa escolha, nos baseamos em Tozoni-Reis (2009, p.10) ao afirmar que a pesquisa qualitativa defende a ideia de que na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, interessa muito mais compreender e interpretar seus conteúdos do que descrevê-los. Desse modo é mais relevante interpretar esses fenômenos sociais pertinentes ao ser humano, ou seja, os fatos ocorridos no cotidiano humano do que insistir numa possível descrição.

Ao escolhermos a abordagem qualitativa de pesquisa, levamos em consideração também o leque de possibilidades que poderão ser descritas e analisadas no decorrer do estudo. Através dessa abordagem foi possível nos

aprofundarmos em detalhes de caráter descritivos e explicativos que envolvem o objeto de estudo aqui mencionado.

Essa abordagem pode ser compreendida, segundo Richardson (2012, p.79), da seguinte forma:

A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Tanto assim é que existem problemas que podem ser investigados por meio de metodologia quantitativa, e há outros que exigem diferentes enfoques e, conseqüentemente, uma metodologia de conotação qualitativa.

Nesse sentido, a pesquisa foi realizada com alunos da Educação de Jovens e Adultos de uma escola municipal que fica localizada no município de Bom Jesus- PB. Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, decidimos optar pela pesquisa de campo. Esta é assim definida por Tozoni- Reis (2009, p.28):

A pesquisa de campo em educação, portanto, caracteriza-se pela ida do pesquisador ao campo, aos espaços educativos para coleta de dados, com o objetivo de compreender os fenômenos que nele ocorrem. Pela análise e interpretação desses dados, a pesquisa poderá contribuir para a construção desse saber educacional e o avanço dos processos educativos.

Para o levantamento dos dados e como instrumento de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada. Tal entrevista foi realizada com base em um roteiro elaborado pela pesquisadora sobre a temática abordada. Para Richardson (2012, p.208):

A entrevista não estruturada, também chamada entrevista em profundidade, em vez de responder à pergunta por meio de diversas alternativas pré-formuladas, visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema: as suas descrições de urna situação em estudo. Por meio de uma conversação guiada, pretende-se obter informações detalhadas que podem ser utilizadas em uma análise qualitativa. A entrevista não estruturada procura saber que, como e por que algo ocorre, em lugar de determinar a frequência de certas ocorrências, nas quais o pesquisador acredita.

A entrevista contou com um roteiro de nove questões abertas a partir das quais os sujeitos entrevistados puderam falar abertamente sobre o que consideravam relevante. É importante ressaltar que as perguntas formuladas favoreceram o surgimento de outras questões relacionadas à temática.

Desse modo, a pesquisa de campo pode contribuir de forma significativa no entendimento de tais questões aqui levantadas. O nosso propósito foi realizar esse estudo com enfoque maior em uma realidade específica: a juvenilização dos alunos da EJA do município de Bom Jesus- PB.

### **3.2 Lócus da Pesquisa**

O município de Bom Jesus é bem pequeno em se tratando de habitantes, pois atualmente tem cerca de 2.588 sujeitos. Por ser um município pequeno, na maioria das vezes as oportunidades de estudo e de trabalho são escassas, não alcançando, assim, toda a massa. Por esse motivo a renda da população não é tão alta. Algumas famílias sobrevivem com base na agricultura familiar de subsistência, outras costumam buscar emprego nas cidades circunvizinhas.

O município sempre esteve preocupado com a educação de seus habitantes, ofertando assim inúmeros projetos que na maior parte dos casos, serviram de incentivo para os alunos, como o Mais Alfabetização e o Teatrando na escola, contudo, é sabido que sempre existem lacunas a serem preenchidas em se tratando de educação.

### **3.3 Caracterização dos sujeitos da pesquisa**

A pesquisa em questão foi realizada com 3 sujeitos do ensino fundamental 1 e que no decorrer da análise de dados foram todos nomeados como M.F, M.L e J.H.

O critério para a seleção dos sujeitos da pesquisa é que, no momento a ser realizada, eles estejam exercendo o papel de aluno na modalidade de ensino da EJA e que por alguma razão tenham evadido da educação básica - ensino fundamental I ou ensino fundamental II. No momento da análise dos dados e com a intenção de garantir a confidencialidade dos sujeitos e de suas contribuições, a fim de proteger sua real identidade, utilizamos a combinação de duas letras (M.F., M.L., J.H.).

Dos três entrevistados, dois são do sexo feminino e um do sexo masculino. A entrevistada M.F. tem 18 anos e se considera negra. Foi mãe muito cedo e não teve rede de apoio quando precisava.

A entrevistada M.L tem 19 anos, se considera branca e é portadora de necessidades especiais, contudo, no ato da entrevista a mesma não tinha o laudo e por esse motivo preferiu não especificar qual o seu tipo de necessidade.

O terceiro entrevistado, J.H, tem 18 anos, é um homem que se considera branco.

Os entrevistados estudaram sempre em escola pública e em nenhum momento demonstraram incômodo com as perguntas que foram feitas. Todos são de famílias humildes e sempre viram a educação como um escape para enfrentar as situações de vulnerabilidade social.

Os dados coletados por meio das entrevistas foram gravados por meio de gravadores de voz (contidos em aparelhos celulares) e transcritos, no intuito de facilitar a sua compreensão e a análise, conforme o objetivo geral da pesquisa.

Considerando que os dados da pesquisa em questão derivam de respostas pessoais, é importante aqui ressaltar que a resolução 510 de 07 de abril de 2016 assegura o seguinte:

Considerando que o agir ético do pesquisador demanda ação consciente e livre do participante; Considerando que a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos; Considerando que a pesquisa em ciências humanas e sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes.

Assim, todos os dados obtidos a partir dessa pesquisa não proporcionarão nenhum problema aos entrevistados. Para assegurar esse direito aos sujeitos entrevistados, esses assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido ou TCLE, como é conhecido. Este consiste em um termo contendo uma autorização, constatando assim que o participante aceitou participar do estudo por livre e espontânea vontade. O documento encontra-se anexado aos apêndices da pesquisa.

## **4 O PROCESSO DE JUVENILIZAÇÃO DO ALUNO JOVEM NA EJA: ADVERSIDADES E MOTIVAÇÕES ENCONTRADAS**

Nesta seção apresentamos as falas e posicionamentos dos alunos, que foram coletadas por meio das entrevistas, com a intenção de compreender o processo de juvenilização dos alunos da EJA e quais os percalços que dificultam o processo de retomada dos estudos.

Com o intuito de analisar as esse processo de juvenilização da EJA e as dificuldades enfrentadas por esses jovens, buscou-se absorver as informações necessárias através de entrevistas semiestruturadas aqui já mencionadas.

Os alunos participantes desse estudo aceitaram o convite e compreenderam que sua participação é 100% voluntária, contribuindo assim para pesquisas futuras na área da educação de jovens e adultos. Em conformidade com o TCLE, e como já mencionado anteriormente, os nomes e identidades dos entrevistados foram preservados, onde serão apresentadas apenas as letras iniciais de seus nomes, sendo elas: **M.F, M.L e J.H.**

Esta seção divide-se em dois tópicos, sendo eles: 1 - A reinserção de Jovens na Educação de Jovens e Adultos e 2 - Motivações e dificuldades encontradas pelo aluno jovem na EJA.

### **4.1 A reinserção de jovens na Educação de Jovens e Adultos**

Quando falamos em reinserção ou reinserir alguém em alguma coisa, devemos estar preparados para receber essa pessoa da forma como ela é, com suas crenças e vivências, oferecendo-lhe as melhores condições possíveis. Na educação esse ato de reinserir um aluno em sala de aula deve, além de mais nada, ser feito com amor, pois voltado para esse sentimento no meio educacional, Freire (1987, p.79-80) declara que “a educação é um ato de amor”.

Em se tratando da visão de mundo que o aluno jovem traz para a sala de aula, Brasil (2006, p. 04) afirma que

A visão de mundo de uma pessoa que retorna aos estudos depois de adulta, após um tempo afastada da escola, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida, é bastante peculiar. Protagonistas de

histórias reais e ricos em experiências vividas, os alunos jovens e adultos configuram tipos humanos diversos. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos.

Ao iniciar a entrevista, o primeiro questionamento feito aos jovens entrevistados foi para saber até que ano escolar eles estudaram antes de decidirem ir para a EJA. Por coincidência, todos desistiram de estudar no período vespertino, ensino regular, no sétimo ano do ensino fundamental.

Neste sentido, fez-se necessário saber o porquê da evasão mudança do ensino regular para a EJA, e o questionamento feito foi: Porque você saiu do Ensino Fundamental e decidiu ir para a EJA? A aluna **M.F**, com a voz embargada, disse *“Foi assim, eu ia pra escola à tarde e deixava meu menino com minha mãe. Aí ele ficava doente quando eu saia, ficava só chorando, aí por isso que eu saí da escola, parei de estudar. Aí fui estudar no EJA online. Aí foi esse, esse motivo que eu saí. Porquê meu menino não ficava com minha mãe, ficava só chorando”*. O aluno **J.H** disse: *“Foi para recuperar o tempo perdido, por causa da repetência no sétimo ano”*.

A aluna **M.L** relatou: *“Eu decidi porque eu sofria muito bullying, pela tarde. Aí eu peguei e desisti. Falei com a diretora, só que a diretora não resolveu. Aí eu peguei e saí”*. Ao ouvir isso, perguntamos se os episódios de bullying aconteciam na presença do professor, e **M.L** respondeu: *“Era, acontecia dentro da sala de aula e os professores não tomavam nenhuma decisão. Os professores tudinho não fazia nada. Via e não fazia nada. Nem dizia nada, não reclamava. Deixava os alunos fazer tudo”*. Essa resposta vai de acordo com o que prega o Brasil (2006, p.09)

[...] além do aumento da oferta de vagas, é preciso considerar as condições de permanência do(a) aluno(a) jovem e adulto na escola, bem como aquelas que lhe permitam concluir a escolarização. Grande parte dos alunos jovens e adultos, que buscam a escola, esperam dela um espaço que atenda às suas necessidades como pessoas e não apenas como alunos que ignoram o conhecimento escolar.

É preciso que haja acolhimento para o aluno, independente da modalidade em que ele esteja estudando, e é possível perceber a partir da fala acima, que não houve acolhimento para/com a aluna, muito menos qualificação e empatia por parte dos professores que presenciaram os episódios que provocaram frustração e exclusão.

Quando questionados sobre o sentimento vivido inicialmente por estar em uma sala de aula com pessoas de idades diferentes das suas, as respostas foram as

mesmas. Mencionaram o sentimento de estranheza, afinal, é uma modalidade diferente e com características próprias. Contudo, ressaltaram que o sentimento não influenciou em sua adaptação ou vontade de finalizar os estudos.

Sentindo confiança na fala dos entrevistados, foi lançado mais um questionamento sobre as diferenças encontradas na EJA em comparação com o Ensino Fundamental. O aluno **J.H** disse: *“A Eja é mais fácil para que os mais velhos possam acompanhar. Era um livro só pra todas as matérias e um único professor, diferente do fundamental, que é um professor pra cada matéria”*, já a entrevistada **M.L** relatou o seguinte: *“Achei sim. Uma diferença total. Porque quando a gente vai fazer o EJA pela noite é com pessoas mais adultas que estudam. Eu fui, eu fui só um dia pelo EJA, só que achei assim, bom, só que eu não me senti muito pronta pra, não assim, não sentir muito pronta, não tem? É, não sinto que eu estava preparada. Só acabei, só em um dia e não fui mais”*.

No que concerne à fala da aluna **M.L**, fica evidente que além do sentimento de estranheza, surge também no aluno jovem a questão da baixa autoestima. Assim, de acordo com o Brasil (2006, p.16):

Uma característica freqüente do(a) aluno(a) é sua baixa auto-estima, muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar. A sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma auto-imagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem.

De acordo com a fala de **M.L.**, compreende-se que essa aluna sentiu vergonha por estar em uma sala de pessoas mais velhas, é tanto que durante a entrevista ela repete várias vezes que ao chegar lá, percebeu que não estava preparada.

De acordo com o que os entrevistados falavam, era possível perceber qual o rumo a entrevista estava seguindo e quais os problemas que eventualmente surgiam para aqueles alunos em sala de aula.

Levando em consideração a convivência dos professores com esses alunos jovens, questionamos se o tratamento era igual ou se havia alguma diferença, por serem mais jovens e mais ativos que os adultos e idosos. As respostas foram todas iguais. **J.H** falou o seguinte: *“O tratamento era igual, independente da idade”*. **M.L**



disse: “Não, não tem a diferença. O mesmo que eles trata as pessoas adulta, tratam nós adolescentes”. **M.F** respondeu: “Tem não, pelo menos eu não percebi”.

É importante ressaltar que essa atitude dos professores de promover um tratamento igual para todos contribui para o não aumento da estranheza que atinge esses jovens ao retornarem para uma sala de aula de configuração diferenciada. Afinal, de acordo com Brasil (2006, p.11): “[...] os alunos buscam a escola para satisfazer necessidades particulares, para se integrar à sociedade letrada da qual fazem parte por direito, mas da qual não pode participar plenamente quando não domina a leitura e a escrita”.

#### **4.2 Motivações e dificuldades encontradas pelo aluno jovem na EJA.**

Não se pode falar em retomada de escolarização sem mencionar as dificuldades que surgem nessa etapa escolar. Do mesmo modo que as dificuldades surgem, as motivações também acompanham essa trajetória.

Dando continuidade à entrevista, foi realizado o questionamento a seguir: Qual a maior dificuldade que você, como jovem estudante, encontrou ao mudar da sua turma do Ensino Fundamental para a turma da EJA? Com a voz um pouco trêmula, a entrevistada **M.F** respondeu: “*Eu tenho um menino e minha maior dificuldade foi essa, ter que cuidar dele e estudar ao mesmo tempo. Tive que escolher entre cuidar dele e estudar*”.

Com essa fala, percebe-se que as dificuldades que colaboram para o insucesso da vida escolar de um aluno existem para além da sala de aula. Gravidez na adolescência é um problema de saúde pública que afeta grande parte da população adolescente feminina, trazendo riscos à saúde das meninas e deixando essas jovens à margem da sociedade, principalmente quando se encontram em uma situação de vulnerabilidade social. Além da gravidez, pode ser mencionado também como um problema, a falta de rede de apoio para as mulheres que, mesmo após engravidar, ainda têm o sonho de retomar os estudos.

Ainda analisando as respostas referentes às dificuldades, o entrevistado **J.H** nos falou sobre a sua dificuldade: “*Somente a adaptação*”. *Porque não eram as pessoas com quem eu estava acostumado. Era um novo mundo*”. Sobre essa questão, **M.L** nos disse: “*Assim, é... minha maior mesmo foi porque tinha pessoas*

*mais velhas que eu, eu não tinha nem uma amiga ou amigo da minha idade, aí eu achei ruim, né?”*. Novamente voltamos ao sentimento de estranheza sentido por esses jovens em relação ao público comumente encontrado em uma sala de aula de EJA.

É importante ressaltar que a escola deve ser um espaço de recomeço para quantas vezes o aluno precisar. De acordo com Cortella & La Taille (2009, p.107 apud Nogaro, 2015, p.161):

A escola tem o compromisso de contribuir com o esclarecimento e apontar perspectivas a seguir; torna-se urgente que ela seja o lugar [...] de repercussão, ou melhor, espaço de reflexão sobre essa questão da vida que se quer viver, porque é essa falta de resposta que, no fundo, leva à incivilidade e à violência, entre outras coisas

Na busca por analisar o motivo da evasão desses alunos do ensino fundamental para a EJA, foi perguntado aos entrevistados quais seriam as falhas encontradas por eles na escola, que fizeram com que evadissem do ensino fundamental. Para o jovem **J.H.**, *“As frustrações das matérias, por serem mais difíceis. As demandas escolares da EJA dar pra você acompanhar. Sem contar que não tinha prova, só trabalho. Repetência também é um motivo”*. A entrevistada **M.L.** disse: *“As vezes é a atitude do professor. Eles pensam que tudo que os alunos fazem é na brincadeira”*. Nesse sentido, compreende-se que existe essa necessidade escancarada de estabelecer programas sociais que possam dar continuidade ao ensino-aprendizagem e que proporcionem uma formação continuada para os professores de todas as modalidades. Sobre esse tema, Haddad e Di Pierro (2000, p.126) dizem:

Cada vez torna-se mais claro que as necessidades básicas de aprendizagem dessa população só podem ser satisfeitas por uma oferta permanente de programas que, sendo mais ou menos escolarizados, necessitam institucionalidade e continuidade, superando o modelo dominante nas campanhas emergenciais e iniciativas de curto prazo, que recorrem a mão-de-obra voluntária e recursos humanos não-especializados, características da maioria dos programas que marcaram a história da educação de jovens e adultos no Brasil.

As indagações sobre a evasão escolar para a EJA tem sido matéria de estudo de muitos pesquisadores no mundo todo. Para muitos, a exemplo de Campos e Oliveira, trabalhar de forma mais sólida a base educacional (primeira infância e primeiros anos) evitaria o aumento desse processo evasivo de sala de aula.

Em vista disso, Campos e Oliveira (2003, p.12) destacam:

Os motivos para o abandono escolar podem ser ilustrados quando os jovens e adultos deixam a escola para trabalhar; quando as condições de acesso e segurança são precárias; os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir; evadem por motivo de vaga, de falta de professor, de falta de material didático; e abandonam a escola por considerarem que a formação que recebem não se dá de forma significativa para eles.

Ainda tentando analisar minuciosamente sobre a evasão e abandono desses jovens, foi lançada a oitava pergunta que dizia o seguinte: Na sua opinião, o que acha que acontece na escola para que jovens como você decidam estudar na EJA? E imediatamente as respostas surgiram, **J.H** respondeu *“As frustrações das matérias, por serem mais difíceis. As demandas escolares da eja da pra você acompanhar. Sem contar que não tinha prova, só trabalho. Repetência também é um motivo.*

A aluna **M.F** relatou que não sabia dar informação sobre essa pergunta. **M.L** disse: *“É assim, dificuldade. Às vezes a gente sofre tanto bullying, bota coisa na cabeça e não tem como estudar direito, focar. Já pela noite a gente consegue focar, o professor explica uma, duas, três vezes”.*

De acordo com a fala de J.H, conseguimos perceber que a EJA é trabalhada com uma maior facilidade e acessibilidade para que esse público possa recuperar o tempo perdido de uma maneira mais calma e de acordo com suas subjetividades. Vale ressaltar também a repetência escolar como um dos principais fatores que contribuem para que a EJA tenha essa característica de ser um ancoradouro de jovens, como disse Di Pierro (2021) em sua entrevista sobre a juvenilização.

Analisando ainda sobre as motivações desses jovens, devemos aqui evidenciar a falta de atitude dos professores e do corpo pedagógico em relação aos episódios de bullying e constrangimento que muitas vezes impossibilitam muitos jovens de conviver, de modo saudável, no mesmo ambiente frequentado por outros jovens. É preciso que haja um olhar humano para além da docência, pois como foi ressaltado por Freire (1997), não se pode falar de educação sem amor.

Chegando ao final da entrevista, a nona e última questão lançada foi: Em sua opinião, como jovem, o que precisa ser melhorado na/para Educação de Jovens e Adultos? As respostas dadas foram as seguintes:

**M.F:** *“Acredito que nada. Na minha opinião a escola é boa”;*

**M.L.** : *“O que precisa melhorar, é que às vezes o professor, ele dita pra gente fazer um texto. Ele tem que escrever no quadro e não só dizer, fica difícil. A gente sabe ler, mas pra escrever fica um pouquinho difícil. A gente fica com mais dificuldade ainda”.*

**J.H.**: *“Falta de matérias, algumas que tem no fundamental, não tem na EJA, como por exemplo, Inglês; os professores do fundamental têm bem mais responsabilidade do que os professores do EJA. Os recursos não são os mesmos e a EJA acaba sendo desvalorizada, sem contar que às vezes os professores não recebem bem para isso”.*

Com base na colocação de **M.L.**, é possível sentir a necessidade que ela teve em sala de aula de ser compreendida considerando-se todas as suas dificuldades, e no caso dela, só ler não basta para que possa realizar as suas aprendizagens. De que vale a teoria se o aluno não praticar? E é sabido que para que o aluno consiga ter um desenvolvimento pleno em sala de aula é preciso que o professor esteja ali como ponte de acesso para o avanço desse ensino-aprendizagem. Quando Freire (1996) diz que o professor é eternizado em cada sujeito que educa, é sobre ele ser essa ponte de acesso que Freire está falando, desse olhar pedagógico cuidadoso e paciente.

Ao observar a fala de J.H, fica evidente que em sua visão o saber docente não é valorizado da forma como deveria ser, muito menos as condições didático-pedagógicas e salariais para que essa prática docente seja eficiente. Com relação a afirmação sobre os recursos e saberes do professor em sala de aula, Tardif (2014, p.17) diz que

[...] embora os professores utilizem diferentes saberes, essa utilização se dá em função do seu trabalho e das situações, condicionamentos e recursos ligados a esse trabalho. Em suma, o saber está a serviço do trabalho. Isso significa que as relações dos professores com os saberes nunca são relações estritamente cognitivas: são relações mediadas pelo trabalho que lhes fornece princípios para enfrentar e solucionar situações cotidianas

Nesse sentido, é possível compreender que para que haja eficácia do ensino em sala de aula, o professor precisa dispor de recursos apropriados, de valorização por parte das esferas governamentais e de amparo legal por parte das leis, sejam elas municipais, estaduais ou nacionais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo aqui apresentado, foi possível perceber que os jovens que buscam a EJA, enxergam nela uma chance de concluir o seu processo de escolarização e desenvolver algum grau de equidade em meio a sociedade e em meio as oportunidades que nela surgem.

Por meio dessa pesquisa, tornaram-se visíveis algumas das muitas dificuldades que os jovens encontram ao retomar seus estudos em uma sala de EJA. Dentre as muitas dificuldades, podemos aqui evidenciar: a adaptação dificultosa por estarem em uma sala de aula com pessoas mais velhas; a gravidez na adolescência, a falta de rede de apoio para as mulheres jovens e as consequências que as acompanham nessa retomada de estudos, e por último, mas não menos importante, a vulnerabilidade e a desigualdade social que por muitas vezes “obrigam” esses jovens a buscarem emprego cedo demais, afetando assim o seu desempenho na escola.

Os problemas e adversidades enfrentados por esses jovens, são problemas que em sua grande maioria, encontram-se fora do alcance da escola. Pois, são problemas que refletem a desigualdade social, a falta de informação, problemas de saúde bem como necessidades especiais. É claro que não podemos isentar o governo dessa culpa, afinal, se as políticas públicas destinadas à educação fossem 100% eficazes, não teríamos tanta evasão escolar, muito menos recursos faltosos em sala de aula.

As análises favoreceram para o entendimento de como se dá esse processo de juvenilização na EJA de acordo com os percalços enfrentados pelos jovens que chegam até ela, frustrados e muitas vezes com a visão de que a escola ou os professores não são bons.

Diante da organização da EJA, destacamos aqui também a forma como essa modalidade tem se estruturado para receber esses jovens. Estrutura essa que tem tentado acolher esse público com todas as suas especificidades e dúvidas. A EJA faz com que a sala de aula seja a segunda casa desses jovens e busca com eles o resgate de seus sonhos mesmo com as diferenças encontradas ao longo da vida escolar.

Assim, com esse estudo, com as leituras realizadas e com as entrevistas ricas em vivências conseguimos aprender e compreender de forma empática que a retomada de estudos nem sempre vai ser um processo fácil, principalmente quando

nos referimos a oportunidades escassas que não atingem toda a massa popular. Mesmo não sendo fácil, é evidente que a EJA vem tentando criar uma ponte entre o recomeço e o futuro, mesmo sendo uma modalidade ainda pouco valorizada, esta busca compreender o sujeito na sua integralidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Aidil de Jesus Paes de. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas/**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer nº11/2000, de 10 de maio de 2000, Brasília, DF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunos e alunas da EJA**. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, Brasília, DF, 2016.

COSTA, Adriana Alves. EVANGELISTA, Francisco. (2018). Reflexões sobre ser jovem na Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Crítica Educativa**, 3(3), 56–65.

FERREIRA, Núbia Nafaiete Ferraz. **O perfil dos alunos e alunas da Educação de Jovens e Adultos: alfabetização e diversidade**; 2018; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Pedagogia) – Instituto de Ensino Superior Franciscano, Paço do Lumiar- Maranhão, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.

HADDAD, Sérgio. DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens de Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n.14, p. (108-130), 2000.

LIMA, Gercileide da Costa. [et al]. Evasão escolar no ensino de jovens e adultos: reflexões e intervenções. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 07, Ed.09, Vol. 06, pp. 145-160. Setembro de 2022.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20 ed. São Paulo: Ática, 2000.

NOGARO, Arnaldo; EIDT, Paulino. Ética e prática educativa na sociedade líquida. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 20, n. 2, p. 155-165, 2015.

OLIVEIRA, Vanessa Martins; SOARES, Hellen Conceição Cardoso; FRANCO, Josy Roquete; MARIA, Jane Fernandes Viana do Carmo. A educação de jovens e adultos na sociedade atual/ **Revista Científica-** Vol.12 nº5 Paracatu- MG, 2020.

PRIOSTE, Cláudia. **Hipóteses docentes sobre o fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Educação e pesquisa, São Paulo, v.46, p.01-20, 2020.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas** (et al.). -. 3. ed. - 14. reimpr. - São Paulo Atlas, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**.—Petrópolis, RJ :Vozes, 2014. 3ª reimpressão, 2017.

Tozoni- Reis, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. 2.ed. – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009. 136p.





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO- UAE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES- CFP  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA**

1. Até que ano você estudou antes de vir para a EJA?
2. Porque você saiu do Ensino Fundamental e decidiu estudar na EJA?
3. O que você sentiu ao entrar em uma sala de aula diferente da sala em que você estava acostumado a frequentar?
4. Quais diferenças você consegue perceber entre o ensino fundamental e a EJA?
5. Como é a relação dos professores da EJA com vocês, alunos jovens?
6. Em sua opinião, o modo como os professores trabalham as disciplinas em sala dificulta ou facilita o aprendizado dos conteúdos?
7. Qual a maior dificuldade que você, como jovem estudante, encontrou ao mudar da sua turma do Ensino Fundamental para a turma da EJA?
8. Na sua opinião, o que acha que acontece na escola para que jovens como você decidam estudar na EJA?
9. Em sua opinião, como jovem, o que precisa ser melhorado na/para Educação de Jovens e Adultos?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO- UAE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES- CFP  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **JUVENILIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CAUSAS E EFEITOS**, orientado pelo professor **DR. DORGIVAL GONÇALVES FERNANDES** e vinculado a **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE; CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES- CFP campus Cajazeiras.**

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral, analisar qual o perfil do aluno e a posição que este ocupa na Educação de Jovens e Adultos e objetivos específicos: compreender quais os tipos de público que se configura na educação de jovens e adultos atualmente; relatar como se dá o processo de (re) adaptação à sala de aula e identificar os obstáculos que dificultam a relação do aluno com o saber a ser construído nessa modalidade de ensino e se faz necessário porque através desse estudo será possível compreender as lacunas existentes e que dificultam a retomada de estudos dos jovens e adultos.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimento (s): Entrevista semiestruturada com o total de nove questões. Os riscos envolvidos com sua participação são: invasão de privacidade, divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE), tomar o tempo do sujeito ao responder a entrevista; invasão de privacidade. E os mecanismos que podem minimizá-los durante

o estudo são: Estar atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto; garantir a não violação e a integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras). Os benefícios da pesquisa serão: Compreender de forma direta as questões histórico-sociais que permeiam e configuram a EJA.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Esta pesquisa atende às exigências das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a DORGIVAL GONÇALVES FERNANDES, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

#### **Dados para o contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** Vitória Régia Caldas da Silva

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande

**Endereço pessoal:** [Vitoria182017@gmail.com](mailto:Vitoria182017@gmail.com)

**Telefone:** 83 998498055

#### **DADOS DO CFP**

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.**

**E-mail:** [cepcfpufcgcz@gmail.com](mailto:cepcfpufcgcz@gmail.com) **Tel:** (83) 3532-2075.

**LOCAL E DATA** \_

---

Assinatura ou impressão datiloscópica do  
voluntário ou responsável legal

---

Nome e assinatura do responsável  
pelo estudo